

INCERTEZAS SOBRE A COPA 2014 E OLIMPÍADA 2016

Se continuar o ritmo dos últimos três anos, essas oportunidades raras serão desperdiçadas por falta de planejamento

José Roberto Bernasconi*

A CONQUISTA do direito de sediar os dois maiores e mais midiáticos eventos esportivos do planeta, a Copa do Mundo da Fifa e os Jogos Olímpicos, poderiam representar o carimbo definitivo que marcaria o novo status do Brasil no cenário internacional. Poderiam porque, se tudo continuar a andar nos moldes dos últimos três anos, essas serão oportunidades raras e únicas tristemente desperdiçadas em razão da falta de planejamento e da incapacidade de enxergar o tamanho dos desafios – e das oportunidades – que nos aguardam.

Já se passaram 31 meses desde o anúncio pela Fifa, em Zurique, Suíça, da escolha do Brasil para sede da Copa 2014. E praticamente um ano desde a definição do nosso país como sede da Olimpíada 2016, a ser realizada no Rio de Janeiro. De lá para cá, muito pouco foi feito para que os necessários investimentos se traduzam em um legado para além dessas duas datas-marco e que representem a urgente e inadiável modernização e ampliação da infra-estrutura urbana e geral do país em áreas como: mobilidade urbana (metrô, corredores de ônibus, VLTs, trens metropolitanos), trem-bala São Paulo-Rio de Janeiro, aeroportos, portos, hospedagem, saúde, segurança e revitalização de nossas principais cidades. Se o “tempo é senhor da razão”, ele é também implacável. As oportunidades desperdiçadas, em geral, não se repetem.

É certamente claro para todos que o Brasil conseguirá realizar a Copa 2014 e a Olimpíada 2016. Afinal, para que aconteçam esses megaeventos, são imprescindíveis fundamentalmente as arenas e equipamentos esportivos. E

mesmo nessa área há grandes atrasos: os projetos de arquitetura e engenharia dos estádios e das instalações do entorno (vilas de hospitalidade, principalmente) não estão finalizados e não houve o início de qualquer obra de vulto, nesse setor. Corre-se o risco de termos a repetição do que ocorreu recentemente com as obras para o Panamericano de 2007. Por falta de planejamento e de estudos consistentes sobre o que e onde deveria ser feito em relação às obras, houve um gasto que superou em muito a previsão inicial. Ficou como legado o estádio do Engenhão, que ficou ocioso após os jogos e teve de ser cedido por um aluguel irrisório ao Botafogo e, o pior, sem qualquer melhoria significativa na região de sua implantação.

Agora, porém, os desafios são imensamente maiores, e o Brasil precisa decidir se quer ser “vitrine” ou “vidraça” nesses próximos seis anos, quando a atenção de boa parte do planeta estará voltada para nosso país, tanto pela presença física dos profissionais de mídia e de turistas que vêm para a Copa e Olimpíada, quanto, em escala muito maior, pelos bilhões de espectadores que assistirão aos jogos em todo o mundo.

E não é possível fazermos uma boa figura com a nossa infra-estrutura atual. Os aeroportos brasileiros já estão saturados, saturação essa que aumenta a cada dia, graças aos efeitos do crescimento econômico dos últimos anos, que agregou uma enorme demanda ao transporte aéreo, com o aumento de renda de setores expressivos da sociedade brasileira. São quase 25 milhões de pessoas que deixaram a miséria e a pobreza para ingressar num patamar

de poder aquisitivo que, juntamente com a oferta de passagens a crédito, fez com que muitos trocassem o ônibus pelo avião. Mas essa, que seria uma boa notícia, apenas ajudou a agravar o que já era ruim. Hoje, podemos dizer que muitos dos nossos aeroportos mais parecem rodoviárias.

Os dados da Anac (Agência Nacional de Aviação Comercial), de acordo com sua diretora-presidente, Solange Vieira, traçam um quadro preciso desse acréscimo: em abril de 2010, comparado a abril de 2009, o crescimento do tráfego aéreo foi de 23,6%. Se tomarmos o exemplo do aeroporto de Guarulhos-SP (Cumbica), o principal “hub” do transporte aéreo brasileiro, ele movimentou quase 22 milhões de passageiros em 2009, embora tenha capacidade para 18 milhões de passageiros/ano. Esses 23,6% de acréscimo de passageiros representam 432 mil pessoas a mais viajando de avião, a cada mês, somente em Cumbica. Isso equivale a praticamente todos os 500 mil turistas estrangeiros que, estima-se, virão ao país para a Copa de 2014. Os aeroportos de Brasília e do Rio de Janeiro, apenas para citar os mais movimentados, também têm problemas de saturação. Isso sem falar na “caixa-preta” representada pelos sistemas de controle de voo, que abrangem equipamentos, softwares e recursos humanos treinados.

E o que revelam esses dados? Que o Brasil está, no mínimo, dez anos atrasado na ampliação e modernização de sua infra-estrutura; que nas demais áreas também está em condições precárias e já não comporta o atual estágio econômico, quanto mais o crescimento previsto para este ano de 2010, com

projeções superando os 7% de elevação do PIB.

Energia, portos, telecomunicações, rodovias, ferrovias, metrô, veículos leves sobre trilhos (VLT), corredores e terminais de ônibus urbanos e interurbanos, hotéis, hospitais, segurança, limpeza urbana e saneamento – a lista é extensa e revela déficits assustadores hoje. E o que faz o governo diante desse acúmulo de problemas, fruto da falta de planejamento: recorre à improvisação e firma acordo, no caso dos aeroportos, entre a Infraero e o Exército para executar obras nos terminais aeroportuários. Essa solução emergencial revela a ausência de planejamento eficaz, que consiste em pensar antes para fazer o correto e da melhor forma, e pode levar à realização de obras de má qualidade, porque é a solução do remendo, do puxadinho. É quase como se fôssemos um pós-adolescente que cresceu bastante, mas ainda usa a roupa de 14 anos! O país fica “travado” por esse aperto, que o impede de acelerar o passo rumo ao crescimento e ao desenvolvimento sustentável.

Mas essa realidade brasileira ainda pode ser diferente, se mirarmos nos exemplos da Inglaterra e da África do Sul, ambos países que, como o Brasil, estão prestes a realizar megaeventos esportivos: a Olimpíada 2012, em Londres, e a Copa 2010. A África do Sul aproveitou a oportunidade para melhorar a infra-estrutura. Os aeroportos, rodovias e as principais avenidas das nove cidades-sede foram modernizados, além de terem construído arenas esportivas com qualidade elevada. Os aeroportos sul-africanos, especialmente os de Johannesburg e da Cidade do Cabo, são de alto nível, muito superiores aos brasileiros, em todos os quesitos. O somatório dessas obras representará um legado para algumas gerações de sul-africanos. E isso num país que tem um quarto da

população brasileira, 11 idiomas oficiais e ainda vive as seqüelas do *apartheid*, e não tem o mesmo dinamismo de nossa economia.

A Inglaterra está também dando um exemplo de planejamento e sobre como transformar as oportunidades oferecidas pela realização dos Jogos Olímpicos de 2012 num legado para a população de Londres e do país. Assim como o Rio, Londres foi escolhida com sete anos de antecedência, em julho de 2005. Os britânicos, porém, investiram um ano e meio no planejamento e

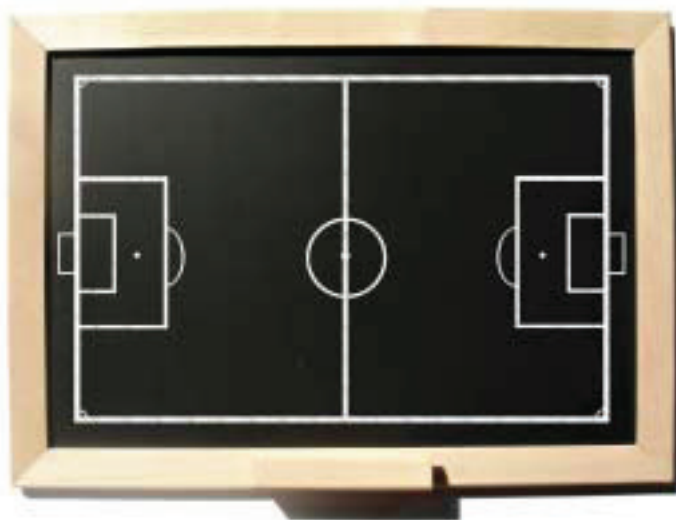
hospitais, hotéis e residências, entre outras melhorias). Por isso, o Parque Olímpico de Londres está sendo chamado de Legacy Park, o parque do legado. Tudo isso consequência da visão que eles têm dos Jogos Olímpicos: o trampolim para a modernização e revitalização.

Evidentemente, todas essas conquistas, que representam a transformação de enormes desafios em grandes oportunidades, não aconteceram por acaso. Londres criou em 2005 a Olympic Delivery Authority (ODA), entidade responsável pelo planejamento e coordenação dos projetos de engenharia e arquitetura e das obras do Parque Olímpico. Recentemente, foi criada a Olympic Park Legacy Company, empresa encarregada da administração de todo o legado do Parque Olímpico e também da venda e administração de imóveis.

A lição que nos deixam sul-africanos e britânicos é muito clara: o Brasil tem de pensar grande e voltar a “pensar antes”, isto é, planejar. Se hoje nosso país é considerado a “bola da vez” dos investimentos mundiais, temos de parar de pensar e agir como um emergente e assumir o posicionamento e as ações dignas de um país desenvolvido. Para isso, é essencial o planejamento e a contratação, no tempo certo, de projetos de qualidade, que embasem obras sustentáveis em todos os

sentidos. Afinal, como sempre dissemos no Sinaenco: “Antes de uma boa obra existe sempre um bom projeto”. E nesse projeto de país, devemos nos engajar todos – projetistas, construtores, empresários em geral e administradores públicos – para conquistar o verdadeiro campeonato para o Brasil: um legado positivo e duradouro, muito além de 2014 e 2016.

* Presidente do Sindicato da Arquitetura e da Engenharia – Regional São Paulo (Sinaenco-SP).



Se o “tempo é senhor da razão”, ele é também implacável. As chances desperdiçadas, em geral, não se repetem. Não é possível fazermos uma boa figura com a nossa infra-estrutura atual

igual período nos projetos de arquitetura e engenharia. Só então iniciaram as obras, que ficarão prontas em três anos, em junho de 2011. Com um ano de antecedência!

Mas, fundamentalmente, os ingleses estão dando uma lição de urbanismo e de geração de legado para a sociedade, visando o horizonte de 2040! Eles estão transformando a zona leste londrina, antes uma das áreas mais degradadas do país, social e ambientalmente, em uma nova cidade, com equipamentos urbanos sofisticados (metrô,